



## O potencial de representatividade do telejornalismo local na narrativa audiovisual: O caso do Minas em Rede

Gustavo Teixeira Pereira<sup>1</sup>  
Iluska Maria Coutinho<sup>2</sup>

### Resumo:

O presente artigo tem como objetivo investigar se a sociedade consegue criar uma identificação com a narrativa audiovisual e se telejornalismo local em uma emissora pública vem cumprindo os princípios de complementariedade, regionalismo e promoção de cidadania, que estão especificados tanto na Constituição Federal de 1988, como também no Manual de Jornalismo da EBC, lançado em 2013. Para tal análise, serão utilizados o conceito de Dramaturgia do Telejornalismo, proposto por Iluska Coutinho e conceito de conteúdos DIV, proposto por Cádima. Além disso, foram usados estudos no âmbito do Laboratório de Jornalismo e Narrativas Audiovisuais (CNPq-UFJF) que buscam estudar a TV Pública e as produções de sua grade programação. O objeto escolhido foi o Minas em Rede, telejornal transmitido de segunda à sexta-feira pela Rede Minas. O acesso ocorreu por meio de seu canal no Youtube.

**Palavras-chave:** Construção da Narrativa Audiovisual; Telejornalismo Local; Regionalismo; Minas em Rede; Materialidade Audiovisual.

### 1. Introdução

A proposta desse artigo é, a partir da construção da narrativa audiovisual, investigar em que medidas um programa transmitido por uma emissora televisiva de caráter público consegue cumprir as promessas de isenção, independência política e financeira, promoção de cidadania e a nível local, o princípio de regionalismo, já que, preconiza-se que um telejornal local tem a possibilidade de produzir uma maior identificação para com seus telespectadores.

---

1 Estudante de graduação em jornalismo, atuação na área de telejornalismo com ênfase no telejornalismo público. Universidade Federal de Juiz de Fora.

2 Doutora em Comunicação e professora da UFJF. Orientadora do trabalho. Universidade Federal de Juiz de Fora.

Para isso toma-se como ponto de partida a Constituição Federal de 1988 e o Manual de Jornalismo da EBC, que foi lançado em 2013; a empresa tinha como proposta ser uma articuladora da comunicação pública brasileira, incluindo a constituição de uma rede nacional de tv pública por meio da TV Brasil, da qual a Rede Minas é parceira. Os documentos buscam estabelecer as balizas que aplicadas ao telejornalismo público deveriam incluir os compromissos deste de promover conteúdos diferenciados e ser complementar à grade de programação de emissoras comerciais.

A EBC considera que jornalismo é espaço público por onde são transferidas informações relevantes, com potencial para alterar a realidade, que se sucedem no tempo e no espaço, objeto de interesse da coletividade e abrangidos pelos seus critérios de cobertura. Essas informações têm de ser transmitidas com honestidade, fidelidade, precisão e responsabilidade. Devem ser mediadas por um processo ético, rigoroso, criterioso, isento, imparcial, sem preconceito e independente (MANUAL DA EBC, 2013, p. 21)

A metodologia utilizada será a Análise da Materialidade Audiovisual, conceito desenvolvido por Iluska Coutinho em que busca dar conta tanto da linguagem verbal, como também da linguagem não-verbal, tendo em vista que ambas possuem relevância para a construção da narrativa audiovisual.

A análise baseou-se nos conceitos de Telejornalismo Público e Telejornalismo Local, para uma melhor compreensão sobre os modos pelos quais são trabalhados o regionalismo no Minas em Rede, programa da Rede Minas que possui como objetivo a participação de emissoras parceiras em sua programação, sejam elas culturais, educativas, públicas ou universitárias.

Além disso, foram utilizados os conceitos de Dramaturgia do Telejornalismo, conceito proposto por Iluska Coutinho em sua tese de doutorado (2012) e que trabalha a ideia de que são criadas histórias nos telejornais para assim criarem uma narrativa que possa envolver o telespectador, principalmente através do personagem, que serve como figura que gera uma maior identificação para com o público, e o conceito de conteúdos DIV (2016), ao qual Rui Cádima estabelece algumas categorias em que emissoras públicas deveriam cumprir em seus conteúdos acerca da diversidade.

A fundamentação teórica se deu em duas etapas: a primeira de pesquisa bibliográfica, tendo como principais bases textos de Iluska Coutinho e Rui Cádima acerca da TV

Pública e quais devem ser os seus compromissos, observando também a diferença entre os modelos brasileiro e português; e a segunda de análise da materialidade audiovisual, que tem como objetivo identificar como foram feitas as construções das narrativas audiovisuais no Minas em Rede e se tais construções contribuíram ou não para a valorização do regionalismo, princípio intensificado no telejornalismo local e para promoção de cidadania.

Essa análise foi realizada a partir do material disponível no YouTube no canal “Minas em Rede”, utilizando-se uma semana composta no mês de junho, sendo os dias 2 (sexta-feira), 8 (quinta-feira), 14 (quarta-feira), 20 (terça-feira) e 26 (segunda-feira). O link que contém os vídeos do Minas em Rede (Rede Minas) é [https://www.youtube.com/channel/UCJd6xUfewJO\\_G3ISnuocNOg](https://www.youtube.com/channel/UCJd6xUfewJO_G3ISnuocNOg).

## **2. Telejornalismo Público, Telejornalismo Local e Regionalismo**

O jornalismo público está garantido no Brasil desde a Lei nº 5.070, de 7 de julho de 1966, entretanto, devido ao modelo de radiodifusão estabelecido no país em que poucos grupos dominam os meios de comunicação, em 7 de abril de 2008 foi instituída a Lei nº 11.652, que autoriza o Poder Executivo a criar a Empresa Brasil de Comunicações (EBC), que a partir de então passa a gerir a comunicação pública. Devido a isso é criado então um conselho curador da EBC, que tem como função gerir toda a comunicação pública em âmbito nacional.

A Lei nº 11.652, em seu artigo segundo, estabelece nove princípios que buscam a prestação de serviços de radiodifusão pública, com destaque para os artigos I, II, III e IV:

I – complementaridade entre os sistemas privado, público e estatal; II – promoção do acesso à informação por meio da pluralidade de fontes de produção e distribuição do conteúdo; III – produção e programação com finalidades educativas, artísticas, culturais, científicas e informativas; IV – promoção da cultura nacional, estímulo à produção regional e à produção independente. (MANUAL DA EBC, 2013, p. 107)

No Manual de Jornalismo da EBC ainda está especificado alguns valores como a busca pelo jornalismo de interesse público, isenção, independência política e financeira e promoção da cidadania e da participação desses cidadãos no telejornalismo, não apenas como atores sociais.

Em seu livro, *a Informação na TV Pública*, Iluska Coutinho promove uma diferenciação entre emissoras do campo público e emissoras estatais, já que apesar de ambos modelos “apresentarem-se como contraponto à TV de exploração comercial, estes canais possuem características muito diferenciadas no que refere-se à construção, consolidação, à própria identidade percebida socialmente” (COUTINHO, 2013, p. 22), as emissoras públicas possuem conselhos representativos da sociedade e conselhos curadores que vão reger a construção da grade de programação, enquanto a TV estatal está diretamente ligada aos 3 poderes: legislativo, executivo e judiciário.

Iluska Coutinho defende ainda a presença de uma maior pluralidade de vozes, diversidade de opiniões e um telejornal diferente do que é veiculado em emissoras de caráter comercial, tanto nas pautas, como também nos formatos. Coutinho explica que os cidadãos deveriam se sentir representados pelos conteúdos da grade de programação de uma emissora pública, ao invés de serem apenas consumidores de informação.

A questão da diferença configura-se como outro aspecto que deveria caracterizar o Telejornalismo Público. Este deveria ser construído em uma relação de alteridade com o modelo veiculado nas emissoras comerciais, especialmente no que se refere à participação e diálogo com o público. (COUTINHO, 2013, p. 30)

O telejornalismo tem como uma de suas funções transmitir um conteúdo de interesse público, que busque criar identificação com os telespectadores, e portanto que possa transmitir as informações ao cidadão, de tal modo a deixá-los bem informados.

Nessa medida, o telejornalismo local desempenha um papel ainda maior, de modo que as agendas regionais possuem uma menor quantidade de assuntos e devido a isso, espera-se que os telejornais de âmbito local consigam produzir um conteúdo mais próximo de seu público, e assim possam criar uma maior identificação com os telespectadores.

Iluska Coutinho e Simone Martins ao trabalharem o tema, afirma que o telejornalismo local ganha maior importância devido a uma maior produção de significados sociais e culturais. Para ela, o telejornalismo local poderia então auxiliar na construção de uma identidade local “na medida em que os telespectadores se identifiquem com as notícias produzidas e veiculadas, ou seja, que se vejam inseridos no contexto da sociedade construída na narrativa apresentada nos telejornais.” (COUTINHO e MARTINS, 2008, p. 2 e 3)

Outro potencial do telejornalismo local é a produção de um conteúdo que possa valorizar o patrimônio cultural local e com isso ir criando uma identidade regional. Com isso, o telejornal passa a se tornar uma referência para o telespectador e com isso, ganha também a confiança de seu público, que o vê como principal fonte de informação.

Em seu Manual de Jornalismo, lançado em 2013, a EBC coloca como um de seus valores e objetivos “o regionalismo das pautas, dos sotaques e do idioma é essencial ao jornalismo da EBC. Está nos fundamentos de seus veículos, pelo seu caráter público e pelo acolhimento à diversidade cultural do país.” (MANUAL DA EBC, 2013, p. 23)

Em sua dissertação de mestrado José Tarcísio Filho trabalha a questão da qualidade na televisão, e um dos critérios de avaliação é a questão da presença ou não de regionalismos, na medida em que tal fator pode contribuir ou não para um telejornalismo de qualidade, principalmente em questão de representatividade.

Jhonatan Mata trabalha a questão do telejornalismo local nas emissoras comerciais, e afirma que ela possui importância enquanto fonte de lucro, devido ao maior envolvimento com o telespectador e também por conta dos critérios de noticiabilidade, em que no telejornal local é possível tratar assuntos mais diretos para a população e criar uma afirmação regional.

Nessa busca por reafirmação local, a hipótese central é a de que o nosso popular é fabricado. Esse processo começaria na etapa de escolha daquilo que será notícia, dentro dos critérios de noticiabilidade, da linguagem que é direcionada, da definição da emissora sobre quem é o seu público, dentre outros fatores” (MATA, 2011, p.66)

Essa relação se dá principalmente na medida em que consegue atrair o público com assuntos mais próximos das comunidades locais ou por meio do cidadão-personagem, que é aquele que convida os outros a assistirem o telejornal do dia apenas pelo fato de saber que vai aparecer na televisão, mesmo que por segundos.

Mata sugere ainda a interatividade da web como uma forma de potencializar a participação do cidadão nos telejornais, até mesmo na sugestão de pautas. Atualmente com aplicativos como o Whats App, entre outros, é possível que o telespectador envie fotos, vídeos ou mensagens, o que pode contribuir para a construção da narrativa audiovisual do programa.

Iluska Coutinho e Lívia Fernandes explicam que além do potencial de representatividade que os telejornais locais possuem, eles tem podem produzir vínculos

sociais, já que conseguem valorizar as especificidades sociais e culturais compartilhadas, como por exemplo o sotaque.

A proximidade produz vínculos sociais que, de acordo com Bourdin, são responsáveis pelas ilusões e paixões de identidade local. Essa proximidade se dá mediante as mensagens veiculadas nas TVs regionais, sobretudo, no jornalismo. O local se torna um território audiovisual que é constituído, por meios dos recortes e reconstrução da realidade transmitida nos telejornais locais. (COUTINHO e FERNANDES, 2007, p. 6)

A partir da construção da narrativa audiovisual de um telejornal local é possível criar histórias a partir das notícias, e para além disso, chamar o telespectador à participação. O fato do cidadão se sentir representado ou não pelas histórias é uma discussão a nível da Dramaturgia do Telejornalismo, proposta por Iluska Coutinho.

### **3. Dramaturgia do Telejornalismo e Conteúdos DIV**

Proposta por Iluska Coutinho, a Dramaturgia no Telejornalismo consiste primordialmente na existência de conflitos narrativos como característica central nos telejornais brasileiros, ou seja, cria-se histórias a partir das notícias, e com isso, cidadãos comuns se tornam atores sociais, na medida que passam a se tornar personagens.

Assim, o que os telespectadores acompanham nos telejornais é uma soma de pequenas tentativas de repetição de alguns fatos, amarrados pelos textos de repórteres e apresentadores, uma “imitação da ação” ou das ações humanas, tal como a definição de Aristóteles para a palavra drama. O sentido de “imitação” tal como proposto pelo filósofo abrange o de representação, no caso, de um conflito que se desenvolveria, sempre com a busca de sua resolução, através das ações dos personagens da estória, da narrativa (COUTINHO, 2012, p. 198 e 199)

E essa personificação se dá para que o telespectador consiga ter uma relação mais próxima para com a notícia, já que o cidadão tem mais possibilidades de interagir com a matéria, seja por uma identificação criada para com o “personagem” ou mesmo devido a aproximação com a temática abordada. “As ações, os personagens e ainda a oferta de uma mensagem moral são também componentes essenciais de uma narrativa dramática, o que nos possibilitaria considerar a organização das notícias em TV como dramaturgia do telejornalismo” (COUTINHO, 2012, p. 199)

Os personagens da vida real, tal como nas novelas, possuem papéis, e são inseridos na narrativa da maneira como o produtor do conteúdo lhes apresentam. A partir da

Dramaturgia do Telejornalismo é possível uma maior dramatização das matérias, o que se diferencia de sensacionalismo, entretanto esse drama pode ser dado de várias maneiras, incluindo a vitimização do cidadão, que tem voz apenas para reclamar sobre algo ou reforçar um discurso que vem sendo trabalhado pela edição do telejornal.

Já Rui Cádima, em parceria com o Laboratório de Jornalismo e Narrativas Audiovisuais (CNPq-UFJF), grupo coordenado por Iluska Coutinho, aborda o conceito de conteúdos DIV, na medida em que busca analisar como se dá a presença ou não da diversidade nos conteúdos produzidos por emissoras públicas. Portuguesas no caso de Cádima e brasileiras no caso do Laboratório de Jornalismo e Narrativas Audiovisuais.

Portanto, Cádima elencou oito categorias de modo a analisar se existe conteúdos DIV e quais categorias são melhor trabalhadas nos materiais produzidos por emissoras públicas.

1 - diversidade cultural, étnica e linguística; 2 - o conteúdo intercultural, multiculturalismo, pluralidade das expressões e vozes; 3 - as questões da juventude e subculturas juvenis; 4 - exclusão/inclusão sócio-cultural; 5 - pessoas com necessidades especiais; 6 - idosos, experiências de envelhecimento; 7 - proteção do patrimônio e da cultura nacional/local; 8 - diversidade de gêneros de programação televisiva (formatos e tons também). (CÁDIMA, 2016)

A partir dos conteúdos DIV, seria possível analisar em que medida telejornais de emissoras públicas vem conseguindo ou não construir narrativas audiovisuais que de fato sejam de interesse público e que atendam os objetivos e promessas estabelecidos pelo Manual de Jornalismo da EBC (2013).

Além disso, a proposta de Cádima dialoga com o conceito de Dramaturgia do Telejornalismo de Iluska Coutinho devido ao fato de levar em conta os personagens ou fontes que estão presentes nas narrativas e se eles possuem voz e opinião na construção da narrativa audiovisual ou apenas são utilizados para dar voz a uma temática.

#### **4. Minas em Rede (Rede Minas)**

O programa é exibido de segunda à sexta-feira, às 8 horas da manhã e tem duração média de 10 a 12 minutos. Sua estreia ocorreu em março de 2017, na nova grade de programação e tem como principal objetivo estimular a participação de emissoras parceiras no telejornal.

O Minas em Rede é apresentado por Romina Farcae, que também é editora do programa. Além disso, o telejornal conta com entradas ao vivo de emissoras parceiras por todo o estado e com produções dessas emissoras. Entretanto, apesar de já estar na grade de programação da emissora há alguns meses, não consta o Minas em Rede dentro do conteúdo jornalístico do site da Rede Minas.

A Rede Minas foi criada em dezembro de 1984, por Tancredo Neves, e se anuncia como uma emissora pública e educativa, estabelecendo como objetivo “potencializar o intercâmbio de valores, educação e cultura para a população, por meio da produção e veiculação de programas de televisão de interesse público.” (SITE DA REDE MINAS, 2017)

A emissora transmite sua programação 24 horas por dia por meio do seu site [www.redeminas.mg.gov.br](http://www.redeminas.mg.gov.br) e de suas páginas no Facebook, [www.facebook.com/redeminas.tv](http://www.facebook.com/redeminas.tv) e Youtube, [www.youtube.com/redeminas](http://www.youtube.com/redeminas). Em seu site, a Rede Minas afirma estar presente em mais de 765 cidades do estado de Minas Gerais.

Como missão, a Rede Minas estabelece enriquecer a vida das pessoas por meio de produções informativas, culturais e educativas. Dentre seus valores estabelecidos estão: “família; pertencimento; interesse público; isenção; transparência; cidadania; pluralidade; diversidade; e cultura mineira.” (SITE DA REDE MINAS, 2017)

## **5. Análise da Materialidade Audiovisual do Minas em Rede**

Devido à complexidade de analisar o conteúdo audiovisual, principalmente levando-se em conta que não há metodologia que consiga abarcar tanto o áudio quanto a imagem, Iluska Coutinho, no âmbito do Laboratório de Jornalismo e Narrativas Audiovisuais (CNPq-UFJF), propõe a Análise da Materialidade Audiovisual como possível método de avaliação de narrativas audiovisuais, já que assim seria possível a análise de um todo, formado por texto+som+imagem+tempo+edição. (COUTINHO, 2016)

Para uma análise mais aprofundada, Coutinho defende que, além do embasamento bibliográfico e do objeto de pesquisa escolhido, é necessário identificar o que será analisado, para que assim possam ser definidos os eixos de avaliação que buscam responder questões afins do problema de pesquisa.



Realizada essa etapa preliminar na qual o produto jornalístico a ser analisado foi mapeado com relação aos aspectos acima descritos, e outros que podem ser adicionados pelo pesquisador em diálogo com seu referencial teórico, e depois de definir-se os eixos de avaliação, tendo em vista o problema de pesquisa, o momento é de montagem da ficha de leitura/ avaliação (COUTINHO, 2016, p. 11)

Outro fator que justifica a escolha desse método de análise é o seu caráter quali-quantitativo, o que possibilita uma pesquisa mais ampla e que permita uma investigação mais aprofundada e específica do conteúdo escolhido.

Por se caracterizar como um método quali-quantitativo a análise da materialidade audiovisual pode incluir itens de avaliação previamente identificados pelo autor, com categorias definidas à priori, como aquelas relacionadas à temática; caracterização das fontes de informação (governo, oposição, iniciativa privada, especialista, cidadão); presença ou não de pontos de vista conflituais, de inserção de arte, entre outros. (COUTINHO, 2016, p. 11 e 12)

Para análise de uma semana composta do Minas em Rede, 2 (sexta-feira), 8 (quinta-feira), 14 (quarta-feira), 20 (terça-feira) e 26 (segunda-feira) de junho de 2017, foram utilizados estudos no âmbito do Laboratório de Jornalismo e Narrativas Audiovisuais (CNPq-UFJF) acerca de TV Pública, Telejornalismo Público e Local, Dramaturgia no Telejornalismo e Conteúdos DIV.

A ficha de avaliação se deu a partir de estudos realizados por Tarcísio Filho acerca da Qualidade da TV, a questão da Dramaturgia do Telejornalismo, proposta por Iluska Coutinho e que busca explicar os motivos de se criarem histórias no telejornalismo, tal como acontece em novelas ou séries, para criar-se uma maior identidade para com o público e questões relacionadas à construção da narrativa audiovisual do Minas em Rede e levando em consideração o caráter de participação de emissoras parceiras na produção de conteúdos.

Por isso, buscou-se analisar se os conteúdos produzidos pelo programa jornalístico conseguem ou não criar um certo grau de identificação e representatividade para com o seu público alvo, e ainda nessa perspectiva, se os conteúdos possuem ou não caráter regional e de valorização da cultura mineira.

É importante destacar que notou-se a partir da estrutura do Minas em Rede que o programa é composto pelo Giro pelo Estado, com participação de repórteres ao vivo em diversas cidades do estado, seja no estúdio ou fora dele, uma ou duas matérias principais, que normalmente dão nome ao programa, previsão do tempo no estado e homenagem às cidades aniversariantes do dia em questão.

A partir da investigação, o primeiro critério analisado foram os personagens que estiveram nas narrativas audiovisuais, tal qual seus papéis na construção da narrativa e se eles tiveram voz e/ou opinião.

De maneira geral as matérias procuram ouvir sempre mais de um lado, buscando uma isenção, porém em algumas matérias o telejornal peca em não conseguir dar voz ao cidadão, mesmo sendo um assunto de interesse público, como por exemplo no programa “Manifestações na Samarco”<sup>3</sup>, onde a repórter fala sobre o descontentamento da população com os impactos causados pelo estouro de barragens em Ouro Preto e Mariana ocorridos em 2016, mas não ouvem nenhum cidadão para de fato saber os motivos que vem causando as reclamações. Além disso, das cinco edições analisadas, em três delas são utilizadas fontes populares para reforçar a opinião do Minas em Rede.

Outra questão acerca dos personagens se dá na relação de fontes utilizadas e governo. Apenas em uma edição do telejornal nota-se uma crítica ao governo no programa “Coroa da Nossa Senhora de Fátima é roubada”<sup>4</sup>, explicitada na voz de uma fonte popular, que reclama do fechamento de um hospital.

Entretanto, também são ouvidos a Secretaria de Saúde, o representante técnico da Secretaria de Saúde e um advogado do corpo clínico, que contrabalanceiam o argumento do popular, mas com um espaço muito maior. Em dois programas notou-se ainda a prestação de serviços do telejornal em prol de alguma bem feitoria do governo.

Observou-se ainda que as fontes populares costumam aparecer no telejornal apenas como vítima ou mocinho (a), personificando as histórias contadas, de forma a tentar criar uma maior identificação com os telespectadores, já que os assuntos trabalhados costumam ser próprios da cultura mineira, como por exemplo o telejornal de título

---

<sup>3</sup> Publicada em 14 de junho de 2017 - [https://www.youtube.com/watch?v=CJ-XyD6\\_ba4](https://www.youtube.com/watch?v=CJ-XyD6_ba4)

<sup>4</sup> Publicada em 02 de junho de 2017 - <https://www.youtube.com/watch?v=rLDqV542f9E>

“Teatro de Pedra”<sup>5</sup>, em que as fontes populares apenas reforçam o que já foi dito pelos repórteres e personificam as matérias, funcionando como atores da realidade.

Apenas na edição “Manifestações na Samarco”, na matéria sobre um possível reconhecimento de um parque em São João das Missões, é que o Minas em Rede conseguiu de fato dar voz e opinião ao cidadão, no caso um índio, que fala sobre o que acha sobre a iniciativa e opina sobre o assunto. Ainda nessa matéria, são ouvidas outras fontes populares, em uma espécie de povo fala, entretanto, elas não são identificadas na descrição do telejornal.

Na questão da linguagem utilizada pelo telejornal, observou-se que o Minas em Rede prioriza a linguagem verbal, talvez pelo baixo recurso utilizado na produção do programa ou mesmo devido às participações de emissoras parceiras, que podem ter algumas limitações técnicas, e também devido ao pouco tempo, já que o programa é diário.

A linguagem-não verbal, ou seja, imagens, artes, figurino e cenário são pouco utilizadas, mas quando são empregadas, possuem um efeito acrescentador de informações, na medida que auxiliam a fala dos repórteres ou mesmo das fontes, como por exemplo no programa “Manifestações na Samarco” em que são produzidas algumas artes que levam uma informação a mais para os telespectadores.

Além disso, são utilizados poucos recursos audiovisuais na construção da narrativa audiovisual, destacando o uso do off, que em grande parte das vezes é bem utilizado e a combinação áudio + imagem auxilia na compreensão do assunto. Outro ponto observado foi a baixa utilização de passagens nas matérias, já que as informações mais importantes são normalmente transmitidas através da fala de um especialista no assunto ou por meio do uso do off.

Outro aspecto analisado foi a questão da presença ou não de conteúdos DIV nas edições analisadas, segundo as 8 categorias propostas por Rui Cádima. Todas as edições apresentaram ao menos uma das 8 categorias, sendo que em todas elas notou-se a presença da proteção e valorização do patrimônio e cultura local, o que aparenta ser um dos objetivos do programa, que busca sempre trazer os assuntos para o cenário regional,

---

<sup>5</sup> Publicada em 08 de junho de 2017 - [https://www.youtube.com/watch?v=DD6\\_v\\_k9OUc&t=3s](https://www.youtube.com/watch?v=DD6_v_k9OUc&t=3s)

o que identifica-se até mesmo por meio das pautas que costumam ser trabalhadas no Minas em Rede.

Estiveram presentes ainda diversidade cultural e étnica, conteúdo multiculturalismo com pluralidade das expressões e vozes, na matéria sobre o parque em São João das Missões, formatos e tons diferentes da narrativa tradicional, nas matérias do Museu do Vinho<sup>6</sup>, em que busca-se uma contextualização do assunto e de mostrar o porquê é necessária a criação do museu do vinho, e do teatro de pedra, já a partir de uma pauta diferente, são abordados aspectos diferentes da narrativa tradicional.

Sobre a questão do telejornalismo local com potencial para produção de um conteúdo mais regional, que consiga criar uma maior identificação para com os telespectadores, observou-se a preocupação do Minas em Rede e de suas parceiras de produzir matérias que sejam próximas da população mineira, e para além disso, pautas que valorizem a cultura e personalidades mineiras, como por exemplo no programa “Colheita de Café em Andradas”<sup>7</sup>, em que um cafeicultor ganha importância ao falar sobre suas expectativas para a colheita do ano e em outra matéria da mesma edição, sobre o radioamador, são resgatadas personalidades mineiras que foram pioneiras no assunto e como a cultura sobrevive até os dias atuais.

Por conta da Rede Minas ser uma emissora em que deveria possuir alcance em todo o estado de Minas Gerais, nota-se uma variedade de emissoras parceiras, que normalmente são identificadas por meio de descrição na tela ou são chamadas à participação a partir da fala da apresentadora.

Nas cinco edições analisadas, foram observadas a participação de 13 emissoras parceiras, com destaque para a TV Princesa (Varginha), que esteve presente em 3 edições, e para as TVs Top Cultura (Ouro Preto) e ANTV (Andradas) que tiveram duas inserções cada, sendo as 3 emissoras responsáveis pela produção da matéria principal em uma das cinco edições.

A maior parte das emissoras apareceram apenas no Giro pelo Estado, que é o momento em que Romina Farcae conversa com algumas das emissoras parceiras para saber o que

---

<sup>6</sup> Publicada em 20 de junho de 2017 - <https://www.youtube.com/watch?v=Z79fgqe785M>

<sup>7</sup> Publicada em 26 de junho de 2017 - <https://www.youtube.com/watch?v=SKvC13icJHQ>

está acontecendo de mais importante na cidade e região, normalmente com uma entrada em estúdio e ao vivo.

## **6. Considerações Finais**

Dentro de sua proposta de dar às emissoras parceiras a possibilidade de produzir conteúdos e eles serem transmitidos pelo Minas em Rede, nota-se que a iniciativa tem sido positiva, já que assim é possível abarcar uma maior quantidade de cidades e regiões e com isso torna-se maior a possibilidade de criação de uma maior identidade regional, mesmo que de maneira genérica, na medida que as pautas possuem um caráter local, valorização de fato a cultura mineira, com assuntos específicos, mas que ganham força em âmbito regional.

Tal iniciativa revela-se importante, principalmente, por dar voz e possibilidade de veiculação à emissoras que possuem poucos recursos financeiros, mas que por meio do Minas em Rede conseguem ter suas produções em uma emissora de televisão.

Sobre os personagens e a maneira com que aparecem na construção das narrativas audiovisuais, nota-se que as produções veiculadas no Minas em Rede ainda não vem conseguindo de fato dar voz e opinião às fontes populares, que normalmente aparecem de duas formas: reforçador de discurso do telejornal ou personificando uma temática, seja como mocinhos ou vítimas.

Quando é necessária a transmissão de uma informação importante, há uma mescla entre a fala de especialistas, e fala do repórter nos offs. Entretanto, o cidadão pouco aparece como transmissor de informações. Em poucas pautas observa-se um maior espaço para fontes populares, e quando isso ocorre, é para contar uma história e personificar o assunto tratado, como acontece na matéria sobre cafeicultura na cidade de Andradas.

A linguagem utilizada pelo Minas em Rede é outro ponto a ser trabalhado, pois apesar de boa utilização da linguagem verbal, com informações contextualizadas, a linguagem não-verbal costuma ser deixada de lado, sendo pouco usada. Porém, sempre que utilizada em conjunto com a linguagem verbal, consegue acrescentar informações relevantes e passa a ser mais atrativa.

Destaca-se o bom uso dos offs para cobrir imagens relevantes e das entradas ao vivo. Como possíveis melhoras a serem feitas, destaca-se a pouca utilização de artes, que é um recurso audiovisual importantes, mas que pouco é usado, assim como uma maior preocupação com cenário e figurino nas reportagens, que podem auxiliar na compreensão e contextualização das matérias.

Outro ponto positivo do Minas em Rede é a valorização e proteção do patrimônio e cultura local, já que desde as pautas até as angulações das produções costumam ser de valorização do estado mineiro, o que contribui para uma maior identificação dos telespectadores com os conteúdos e isso pode gerar um sentimento de maior representação do cidadão, mesmo que não enquanto personagens ou participantes do telejornal.

E essa representatividade pode ser ampliada devido à participação de diversas emissoras parceiras na grade de programação do Minas em Rede, o que permite conteúdos de diversas regiões e até mesmo contribui para a criação de uma identidade mineira.

A proposta do telejornal é ainda uma forma de incentivar produções de emissoras educativas, culturais e universitárias, que normalmente não possuem espaço de veiculação nas emissoras de exploração comercial e até mesmo nas emissoras públicas de caráter nacional.

## 7. Referências

- CÁDIMA, Rui. Televisão, serviço público e qualidade. Acesso 15/02/2017, disponível em: <http://www2.fcs.unl.pt/cadeiras/http/artigos/Televisao,%20servi%C3%A7o%20p%C3%ABlico%20e%20qualidade.pdf>
- CÁDIMA, Francisco Rui. A Televisão ‘Light’: Rumo ao Digital. Média XXI. Rés XXI/Formalpress, 2006.
- COUTINHO, Iluska (Coordenadora do trabalho).
- COUTINHO, Iluska (org.). A informação na TV pública. Florianópolis: Insular, 2013.
- COUTINHO, Iluska e MARTINS, Simone. Identidade no Telejornalismo Local: A Construção de Laços de Pertencimento entre a TV Alterosa Juiz de Fora e o seu Público, 2008.
- COUTINHO, Iluska e FERNANDES, Livia. Telejornalismo local e Identidade: O Jornal da Alterosa e a construção de um lugar de referência, 2007.
- COUTINHO, Iluska (org.). Dramaturgia do telejornalismo: a narrativa da informação em rede e nas emissoras de televisão de Juiz de Fora-MG. Mauad Editora Ltda, 2012.
- COUTINHO, Iluska. O telejornalismo narrado nas pesquisas e a busca por cientificidade: A análise da materialidade audiovisual como método possível, 2016.

[http://www.ebc.com.br/sites/default/files/manual\\_de\\_jornalismo\\_ebc.pdf](http://www.ebc.com.br/sites/default/files/manual_de_jornalismo_ebc.pdf), site que contém o Manual de Jornalismo da EBC.

MATA, Jhonatan. Um telejornal para chamar de seu: identidade, representação e inserção popular no telejornalismo local, 2011.

MINAS EM REDE, REDE MINAS. Disponível em: <http://redeminas.tv/minasemrede>. Acesso em 18/06/2017.

OLIVEIRA FILHO, José Tarcísio. Qualidade no telejornalismo: parâmetros para avaliação em emissoras públicas e comerciais. 2016. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal de Juiz de Fora, 2016.

SITE DA REDE MINAS, <http://redeminas.tv/> acesso 16/07/2017.